

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE INTEGRATIVA

**AUTO-RETRATO : PONTE
PARA UM DIÁLOGO INTERIOR**

Denise Diniz Maia

São Paulo, 2003

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE INTEGRATIVA

**AUTO-RETRATO : PONTE
PARA UM DIÁLOGO INTERIOR**

Denise Diniz Maia
Monografia de Conclusão de
Curso apresentada como
Requisito para a obtenção do
Certificado de conclusão do
Curso de pós-graduação em
Arte Integrativa.
Orientador: Elvira Leme

São Paulo, 2003

**AUTO-RETRATO : PONTE
PARA UM DIÁLOGO INTERIOR**

Denise Diniz Maia

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em ____/____/____

Nota da MCC: ____

**Aos três homens de minha
Vida: Mauro, companheiro
de vinte e seis anos de
jornada e meus filhos:
Leandro e Daniel**

**Meu especial
agradecimento à
Nana, amiga e mestra,
sem a qual este trabalho
não teria a mesma cor.**

RESUMO

Através dos cinquenta auto-retratos de José Pancetti, assim como numa série de sonhos, a autora busca uma maior compreensão do trajeto existencial do artista.

Sabe-se que a fantasia, expressa na forma pictórica, revela um processo inconsciente, denominado por Jung de individuação.

Os auto-retratos, fonte de auto-conhecimento, podem ser vistos como um monólogo pintado do artista consigo mesmo, cujo observador é seu interlocutor, ao mesmo tempo que monologa com seu próprio mundo interior, a partir da imagem do pintor na tela, dialogando com ela.

SUMÁRIO

- 1. O INICIO DO NAVEGAR: UM ENCONTRO ENTRE DOIS NAVEGANTES.**
- 2. JOSÉ PANCETTI, O MARINHEIRO.**
- 3. PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E O ARQUÉTIPO DO PEREGRINO.**
- 4. AUTO-RETRATO:UM MONÓLOGO PINTADO.**
- 5. MONÓLOGO,UM DIÁLOGO INTERIOR.**
- 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
ANEXOS**

ÍNDICE DAS FIGURAS

Pág.

1. Auto-retrato cinza 1939	43
2. Auto-retrato 1940	44
3. Auto-retrato 1940	44
4. Auto-retrato 1940	45
5. Auto-retrato com girassol 1941	48
6. Auto-retrato sem data	48
7. Auto-retrato com boína 1942	49
8. Auto-retrato com Nilma 1942	49
9. Auto-retrato com Anita e Nilma 1943	50
10. Auto-retrato com Deão de Caterbury 1943	50
11. Auto-retrato com vaso de flor 1944	51
12. Auto-retrato com flor na boca 1944	51
13. Auto-retrato em crayon 1944	52
14. Auto-retrato como marinheiro 1944	52
15. Auto-retrato 1945	53
16. Auto-retrato em Itanhaém 1945	54
17. Auto-retrato vida 1945	54
18. Auto-retrato com cigarro 1945	55
19. Auto-retrato da anistia 1945	55
20. Auto-retrato de marinheiro 1945	56
21. auto-retrato 1948	56
22. Auto-retrato 1948	59
23. Auto-retrato com crayon 1948	60
24. Auto-retrato azul 1949	60
25. Auto-retrato 1949	61
26. Auto-retrato com chapéu 1950	62
27. Auto-retrato 1951	62
28. Auto-retrato como sacerdote 1951	63
29. Natureza morta com frutas e auto-retrato 1951	64
30. Auto-retrato 1951	64
31. Auto-retrato 1952	65
32. Auto-retrato de branco de praia 1953	65
33. Auto-retrato azul 1955	66
34. Natureza morta, auto-retrato sem data	66
35. Auto-retrato pós operatório 1957	67
36. Auto-retrato de cachecol 1957	67
37. Auto-retrato sem data	68
38. Auto-retrato sem data	68
39. Auto-retrato sem data	69
40. Auto-retrato sem data	69
41. Auto-retrato sem data	70
42. auto-retrato almirante sem data	70
43. Auto-retrato de Niterói sem data	71
44. auto-retrato com barrete vermelho sem data	71

45. Auto-retrato mar ao fundo sem data	72
46. Auto retrato pós operatório sem data	72
47. Auto-retrato com mulata sem data	73
48. auto-retrato virado a 3/4 sem data	73
49. Auto-retrato de camiseta sem data	74
50. Auto-retrato com marreta sem data	74

1. O INICIO DO NAVEGAR: UM ENCONTRO ENTRE DOIS NAVEGANTES

“É preciso navegar um bocado para entender o que é e quanto vale um porto natural. E para isso vale a pena passar meses, anos, Em oceanos, desertos, para descobrir um dia o sentido de um porto abrigado.”

*Amyr Klink
(2000)*

Durante a fase da escolha de um tema para minha monografia, comecei a lembrar de um quadro, mais precisamente de um auto-retrato que vi numa exposição em comemoração ao centenário de um artista plástico e que muito me tocou. Resolvi então falar sobre o que esta obra provocou em mim, abordando também o ponto de vista do criador e as observações de outras pessoas próximas ao pintor.

Auto-retratos expressos em forma pictórica sempre suscitaram minha curiosidade. Esta forma de representação de si mesmo poderia ser vista como um monólogo pintado pelo artista, colocando-se em contato com seus personagens interiores. O espectador ao apreciar esta imagem, estabelece um diálogo com o pintor, ao mesmo tempo que “monologa” consigo mesmo.

“ Quando nos emocionamos com uma tela, ouvimos em nós as mesmas vozes que levaram o artista a criá-la.” (Tarkovisky, 1998- 39:63)

O que dizem os auto-retratos? porque eles me chamam tanto a atenção? Auto-retratos são espelhos da psique profunda, reflexos dos estados da alma. Quando examinados em série, nos permitem observar o desenrolar de um processo de individuação. Em cada auto-retrato há uma busca incessante da própria identidade, num esforço para se compreender melhor.

“A floresta e o céu se espelham na água com Narciso. Ele não está mais só pois o universo se reflete com ele, o circunda e se vivifica da mesma alma que Narciso. Aonde se refletir melhor do que na própria imagem?” E. Bachelard

A folha de São Paulo em seu suplemento de domingo, em 18/05/2003, trouxe uma citação que reforça a importância do auto-retrato como expressão da interioridade. A reportagem falava sobre uma artista plástica, Niobe Xandó, que pintou aos oitenta anos, acometida já há 4 anos pelo mal de alzheimer, seu auto-retrato sem rosto, cuja expressão é o vazio e a ausência de identidade.

O que o artista quer expressar quando retrata a si mesmo? Se o auto-retrato é um espelho da alma, o que ele reflete então? O autor tem uma intenção? O que ele quer mostrar? O que ele

quer ver quando olha para si mesmo?

O que ele expressa apesar de não estar consciente? A obra revela seu autor até nas coisas que ele não tem consciência. O que eu, enquanto observadora enxergo, quando vejo uma tela com a imagem do artista que se retratou? O espectador vê coisas diferentes do que o pintor quer falar. É a partir também de sua subjetividade que ele percebe o outro na tela.

“ Ao se retratar além de simular a imagem, o artista desvenda a sua própria diversidade subjetiva, expondo seu caráter, sentimentos, atitudes, ideais, enfim sua identidade. Assim se sustentam também os valores artístico-estéticos, provocando um diálogo mais intenso com o público.” Maria Izabel Ribeiro, MAB-FAAP, 2003)

Quais os motivos que levam alguém a se retratar? Com certeza existem motivos mais profundos do que apenas uma observação narcisista ou a necessidade de um estudo artístico para aprimoramento de técnicas, ou mesmo a ausência de modelos. O retrato reflete as diversas fases da vida de seu autor, espelhando-se em seus diferentes estados de espírito.

Quando o artista se faz o que ele aprecia e quer ressaltar de si? O que rejeita? O que idealiza? É inerente ao ser humano a necessidade de deixar a marca de sua própria imagem eternizando-se. Assim o homem foi se auto-representando de formas diferentes. (Kátia Canton, 1962).

Na pré-história, a impressão das mãos nas paredes das cavernas, era uma forma de registro. O auto-retrato tornou-se popular na época do renascimento, (séc. XV ao séc. XVII), momento em que o homem tornou-se o centro das preocupações. Desta forma os artistas pintavam seus rostos, como pretextos para elaborar obras de arte, cuidando das cores, contornos, texturas, além de outros motivos.

Muitos artistas se retrataram com bastante frequência, tais como Albert Dürer no século XIV, foi o primeiro artista do renascimento a se retratar. Já Rembrandt no século XVII foi quem pintou o maior número de auto-retratos da história, cerca de cem. Ele dizia que as pessoas gostariam de saber que espécie de pessoa foi. Também Van Gogh no século XIX,

realizou quarenta e três auto-retratos. O primeiro auto-retrato na história da arte, data do fim da idade média e foi feito por Giotto no século XIII. Estes retratos eram feitos dentro do tema religioso, categorizando o artista também com uma função espiritual. (Fábio Cypriano,2001)

“ O auto- retrato é o espelho do artista. Nele se reflete sua imagem externa, assim como seu estado de espírito e sua maneira de ver a arte, através do uso de cores, luzes e diversas técnicas. O auto retrato mostra um rosto, reflete um mundo interior.”
(Canton,1962-10)

Observa-se nos auto-retratos com freqüência, que além de acontecer uma mudança natural da imagem em cada fase, em diferentes idades, a forma de pintar também vai se transformando.

Houve uma exposição no MAM em 1984, cujo curador, colocou os auto-retratos com um certo destaque, transformando-os numa comissão de frente, a partir da indicação do autor com seu rosto, sua personalidade e depois as demais obras.Segundo ele:

“O auto retrato é mais do que a obra, amplia o convívio com o artista, fazendo-o perdurar... “No rosto do artista muitas vezes há um reflexo de uma época, com um certo tipo de preocupação social ou estética.” (Frederico de Moraes,1984)

Nos anos 30/40 foram muito freqüentes os auto-retratos, em uma época de grande amizade entre os artistas que se organizavam em núcleos operários, tais como o núcleo Bernadelli no Rio de Janeiro. Na década de 50 houve um recuo deste gênero, com o fortalecimento das tendências abstratas. Nos anos 60 alguns artistas retomam retratar-se, mas com outros objetivos, trazendo questões mais coletivas.

Um dos artistas brasileiros que mais se retratou foi Ismael Nery. Em uma exposição, retrospectiva de seu centenário: havia a seguinte citação:

“O tema de Nery é o ser humano que busca seu eu na fusão com o outro, procurando se compreender olhando no reflexo do espelho. E aí se duplica e se funde ao perceber as diferentes identidades do Eu.” (2002)

O auto – retrato entre as gerações de 1990 e 2000 traz o resgate da perda de um sentimento do eu. Assim vai acontecendo um interesse maior e uma volta à tradição na utilização de um dos gêneros artísticos mais realizados na história ocidental.

A partir do século XX os artistas contemporâneos começaram a inventar maneiras diferentes de se auto - representar e passaram a brincar com extrema liberdade ao fazerem suas próprias imagens. Alex Flemming por exemplo, recobriu sua imagem com poesia e outros artistas utilizaram objetos como suas próprias representações, assim como se retrataram em outras posições tais como deitados .Observa-se a corporalidade presente na visão do artista atual.

O auto-retrato do homem moderno, não consegue deixar de transmitir as angústias do nosso tempo, enquanto o homem renascentista buscava refletir a unidade a qual gostaríamos de recuperar.

“Haverá na auto reflexão do artista, uma preocupação de integração de seu universo ou a busca de um refúgio na solidão?” (Alice Brill p. 116)

Faz-se uma comparação entre auto-retrato e fotografia, questionando porque hoje o segundo gênero é mais frequente. Há uma distinção entre a forma de registro nos dois gêneros, pois a fotografia mostra um instante enquanto a pintura fixa o essencial e o imortaliza.

Pensando novamente sobre a importância dos auto-retratos, há um trabalho intitulado: *“Artists by themselves”* que fala sobre a academia nacional de Desenhos, fundada alguns

anos após 1820 e existindo ainda hoje, cujos aspirantes deveriam submeter seus auto-retratos a uma avaliação, como condição para se tornarem membros. Para o diretor, estes são retratos íntimos.

“Um retrato real é verdadeiro e pode mobilizar idéias mais do que outras espécies de obras. A forma como o artista olha para si mesmo e como vê o mundo, encoraja o observador a penetrar nos mais secretos pensamentos.” (Dobkin,1983-7:13)

Os artistas também utilizam seu próprio corpo como instrumento de questionamentos da realidade atual, marcada por desafios como doenças e clonagem. O auto-retrato abandona “seus pais” enquanto representação narcísica, tornando-se espaço para discussões e denúncia de uma realidade. A figura humana é uma das formas mais objetivas de mostrar as várias maneiras de se ocupar o espaço plástico. O auto-retrato pode ser um sinônimo de investigação psicológica, onde se olha para si próprio como se fosse uma outra pessoa, dialogando ao mesmo tempo consigo mesmo. (Piza,2001)

Retornando ao meu interesse pelo auto-retrato do artista, começo a pensar: o que vejo de mim no retrato do outro? Como é meu próprio auto-retrato? Onde minha própria imagem se mistura na imagem do outro? Como posso dialogar e ser interlocutora do artista em sua própria imagem?

Para Ana Angélica Albano, em Espelhos Paralelos, as pinturas revelam a imagem de quem se vê refletido nelas. Atuam como espelhos e podem nos conduzir a espaços profundos dentro de nós mesmos.(2000)

Para Roberto Gambini, em seu ensaio “O silencioso pedido de um olhar” os olhos do artista em um auto-retrato são um espelho para o observador perceber os seus próprios olhos. Este olhar, leva o observador para dentro de si mesmo, colocando-o em contato com seu próprio mundo interior. Para Gambini ao se retratar várias vezes, o artista estaria tentando compreender sua própria realidade interior. Ao se olhar em seu próprio retrato e ao ser olhado por um interlocutor, este mesmo artista estaria buscando um olhar de compreensão e

empatia para sua própria subjetividade. (2000)

Acho que eu tenho me entregue aos olhares dos artistas em seus auto-retratos, reportando-me a partir do meu olhar a um mundo inexplorado dentro de mim.

Retornando a Canton, gostaria de destacar alguns trechos que considero importantes, por reforçar a presença da imagem num auto-retrato, como um espelho. Para ela, um mesmo artista mostrar-se em vários retratos, em diferentes fases de sua vida, poderia se referir ao tempo, ao envelhecimento, às mudanças em suas diferentes faces. O artista se pinta através do espelho.

“Olhar-se no espelho é uma forma de encantamento. De sua superfície nasce uma figura única, inigualável. Penetrando camadas de reflexão, brotam imagens internalizadas, estados emocionais, percepções que confrontam a identidade. Em mitos e contos de fada, na arte e no cotidiano, o espelho é um poderoso símbolo de mistério e sedução.”

“O auto-retrato é a afirmação do artista em sua condição única de criador de sua própria imagem. O artista empunha seus pincéis no testemunho de seu próprio reconhecimento. A criação do auto-retrato, aproxima o artista de Deus. Nesse encontro consigo mesmo, que tem como mediador apenas o espelho, o artista desvenda o seu dom de recriar o mundo”... Como no espelho de Alice, a experiência do auto-retrato incita um mergulho para dentro de si para então se projetar. Requer um constante reinventar-se. (O eu e o outro-1962)

O espelho então, pode ser visto como instrumento de confronto físico e simbólico no exercício de construção da própria imagem. De uma outra forma paralela a pessoa que observa o retrato espelha em seu olhar o olhar do artista retratado e assim nesta dialética entre a imagem e o observador, vai se construindo uma identidade. O espelho como instrumento, nos permite ver por trás das coisas, tornando-se assim um símbolo de uma verdade oculta, ao mesmo tempo que pode revelar orgulho e vaidade. (Chevalier, 1994-195:196).

Quando me olho no espelho, o que vejo? O que posso controlar e alterar de mim mesma? O espelho dá uma referência do que sou e me permite mudar esta imagem, buscando outras possibilidades, experimentando, confirmando, transformando, enfim me reconhecendo.

Um dia, numa retrospectiva da vida e obra de Giuseppe Pancetti, senti-me profundamente mobilizada pela primeira tela que vi: seu auto-retrato “O marinheiro”.

O que me tocou? O que senti? Seu olhar distante parecia buscar uma referência, um porto seguro. Era um olhar que parecia viajar pelos mares, em busca de um lugar. Quem é Pancetti para mim? O peregrino dos mares? Um viajante em si mesmo? Quem é o personagem marinheiro para ele? Isto teria a ver com a minha própria busca pessoal?

A voz de Pancetti se transformou em imagem. Como minhas imagens internas, se transformaram a partir deste meu olhar para Pancetti? Como dialogar com os auto-retratos de Pancetti (foram muitos), e tentar descobrir a voz dele? Qual é minha necessidade que me leva a querer eleger os auto-retratos de Pancetti como tema de estudo? Como eu poderia fazer a leitura destes auto-retratos? Aonde esta leitura me conduziria?

Pensando em Pancetti como marinheiro, não poderiam ser dele estas palavras sobre o olhar para um lugar distante?

“Não há nada dentro de mim que possa me acolher, eu não carrego um continente: minha substância é a dor. Penso: às vezes um navio entra num porto mas esse porto em nós é muito raro. Se ele existisse, ai talvez houvesse dias e também palavras, uma comunicação que fosse mais que um espetáculo, um encontro que fosse mais que um acidente.”

Pessanha, apud Mamede, USP-2002

Giuseppe Pancetti, o José Pancetti, artista brasileiro do século XX, pintor isento de influências formais, criou “marinhas” por excelência, paisagem que retratou a partir de suas inúmeras viagens como marinheiro e pelas quais ficou conhecido. Nasceu em Campinas em 1902, filho de imigrantes italianos, morre de câncer em 1958. Sua carreira de pintor, estende-se por 25 anos, de 1932 a 1957. Em seus auto-retratos ele se investiga em diferentes personagens: marinheiro, almirante, camponês, etc... projetando-se em várias

figuras e rostos. Uma imagem emudecida, um olhar vago por terras perdidas, um silêncio em cores. Esta é a imagem de Pancetti, escrita em “O marinheiro só,” catálogo de uma mostra itinerante, apresentada em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Pancetti foi marinheiro e pertenceu à marinha mercante italiana, assim como à marinha de guerra brasileira. Como marujo, seu olhar foi se alongando e se expressando em suas diversas telas. Fez muitos auto-retratos, onde o mar está presente no fundo, quase como se ele próprio se tornasse uma marinha.

Para Olívio Tavares de Araújo, crítico de arte, já não se sabe mais se era o marinheiro que pintava ou o pintor que navegava, tudo estava interrelacionado. Pancetti aprendeu a misturar cal, reboco e corante, pintando o convés dos navios antes de chegar às suas telas. A doença marcou sua obra, corporificando em suas imagens uma dolorosa auto-biografia. (2002-231:245)

Assim, este trabalho sobre Pancetti vai tomando forma e reforça a importância dos auto-retratos para o observador e para a própria história da arte.

“Eu tenho um rosto, mas o rosto não é aquilo que eu sou. Atrás dele há uma mente que você não vê, mas que olha para você. Este rosto, o qual você vê, embora eu não o veja, é um meio pelo qual eu expesso algo do que eu sou... assim meu rosto parece me pertencer, me confrontar com a condição a qual terei que me deparar. (Julian Bell,2000 – 5)

No momento em que eu me propus a começar a escrever a monografia, e que me via na “grande confusão inicial”, tive um sonho:

“Estava num teatro, na platéia e eu deveria apresentar minha monografia. A princípio fiquei assustada com o palco, as pessoas e ainda a minha indecisão. De repente, tudo ficou escuro e um foco de luz vem somente sobre mim. Digo: chegou a hora de eu fazer o meu monólogo.”

Optei assim, por “monologar” comigo mesma, refletindo as questões que forem surgindo, as imagens, os símbolos, a partir do meu diálogo com o “monólogo pintado” de Pancetti.

Este trabalho é a expressão deste desejo: É o meu monólogo escrito, a partir da obra e da vida deste grande artista.

2. JOSÉ PANCETTI, O MARINHEIRO

*“ se eu pudesse recomeçar a vida, seria
novamente marinheiro.”*

*Pancetti-
1956*

*“ A pintura de Pancetti é como um convés de
navio, curtida de
sol e sal. Não enferruja... Não há nele nem o
supérfluo nem o
desperdício”.*

*Frederico
Morais- 1985*

O contato com a essência que Pancetti reflete em sua obra expressa sua busca constante de “inteireza”. No meu diálogo com o pintor, na tentativa de compreensão de seu trajeto existencial e a observação de suas telas, achei importante também trazer os diálogos de outras pessoas, que conviveram intimamente com ele, ou com sua obra.

Pancetti não fazia distinção entre ser pintor e marinheiro. Navegar e pintar eram decorrências de estar vivo.

“Ele foi tão bom e tão completamente pintor!” (Araújo,1997)

Pancetti falou certa vez:

“A bordo do meu primeiro navio alguém descobriu que eu era bom pintor. O comandante ao tomar conhecimento disto, pediu-me que pintasse seu camarote e o fiz com muito esmero. Daí, todo o serviço de pintura que exigisse um profissional competente me era entregue”.

Uma das características de Pancetti é a ausência de influências e vínculos a movimentos artísticos. Ele foi um dos maiores paisagistas brasileiros do século XX, transportando para suas telas a luz e a cor da natureza. É o pintor marinheiro ao ver o mundo com os olhos da aventura, como uma imensidão de mar.

Viveu uma infância pobre e de privações na juventude. Não se adaptava à vida do campo, era difícil e desajustado, só encontrando seu caminho quando foi para a marinha.

Seus pais Giovanni e Corinna, imigrantes italianos naturais da Toscana, chegaram ao Brasil em 1891. Vieram em busca de novas oportunidades, mas a pobreza dos Pancetti sempre esteve presente. Giovanni era pedreiro e músico nas horas vagas. Corinna lavava roupa para fora. A embriaguez do pai foi frequente além das outras dificuldades, durante a infância do artista.

Pancetti nasceu em Campinas em 18/06/1902 e aos oito anos de idade veio morar na capital, no Brás mais precisamente, pois seu pai iria trabalhar nas obras do teatro municipal. Ele tinha irmãs mais velhas que trabalhavam em fábricas de tecidos.

Aos 11 anos ele e uma das irmãs, a Ida, foram enviados para morar na Itália, em Massa di Carrara, na companhia de um tio, negociante de mármore. Pancetti frequentou nesta época o Colégio Salesiano, mas precisou ficar com os avós em Pietra Santa, pois o tio tinha sido convocado para a guerra. Nesta época conseguem várias ocupações para ele: camponês, aprendiz de carpinteiro e operário da fábrica de bicicletas Bianchi. Passa por todos estes ofícios, mas não se decide por nenhum deles. O tio volta da guerra e resolve enviar Pancetti aos 17 anos para Nápoles, como aprendiz da marinha mercante Italiana. Em 1920, o pintor retorna ao Brasil como “Piccolo”, sob o comando de um capitão. Desta forma para começar a ganhar a vida, ele se vê obrigado a realizar serviços tais como: emprego têxtil, auxiliar de ourives, garçom, trabalhador em rede de esgotos e arrumador em hotel. Em 1921 em São Paulo, desempregado, depara-se com um atelier de decorações onde se emprega como pintor de paredes e cartazista, em seguida tornando-se auxiliar de um artista pintor. Nesta época, Pancetti avista no porto de Santos um navio de guerra brasileiro e resolve retomar sua carreira naval.

Enquanto esperava o momento de se alistar (1922) passa por uma fase de miséria e vadiagem, dormindo com frequência na polícia central. Nos próximos anos, como marinheiro, viajará pelo mundo e fará parte de várias revoluções.

O mar plácido era um terreno sólido de um marinheiro desembarcado que calava suas inquietações; assim, a carreira que escolhera lhe satisfazia após tanta indecisão. Dizia Pancetti:

“Como velho marinheiro, os únicos museus do mundo que conheci, foram os cabarés dos portos por onde andei”.

Num certo momento, ele começou a executar serviços de pintura a bordo e como pintor da companhia de Praticantes Especialistas de convés, chegou a ter seu nome ligado à cor verde, verde Pancetti, sua cor preferida.

“Um dia não sei como, tive vontade de pintar aquilo que meus olhos viram na louca carreira do mar.” Pancetti, cujo apelido na marinha era o “branco da praia,” dizia que gostava de adormecer ouvindo as vozes do mar.

A partir daí, surgiram suas primeiras paisagens nas telas, embora muitos anos se passaram antes de se entregar totalmente à pintura.

Pancetti, homem simples, cuja vida era sinônimo de mar. O mar para ele, foi uma longa estrada percorrida, cujas impressões e emoções vivenciadas neste trajeto, foram impressas em suas telas. A solidão é sua companheira, na liberdade e no encontro consigo mesmo.

Ele vai sendo guiado pelo poder de percepção das cores, encontrando pela justaposição delas, sua forma de expressão.

Neruda falou sobre o artista:

“Un gran pintor de corazón puro.” (1945)

O artista não colocou em sua tela, o prazer de uma pintura opulenta com cores vibrantes e claras, mas sua personalidade triste e solitária e seu caráter rude, que levaram a um colorido sombrio que se tornou mais intenso e vivo, nos últimos anos em Itapuã. Certa vez escreveu num poema:

*“Solitário e mudo,
talvez feliz,
amo esta quietude.”*

Ele era um pintor da simplicidade, que utilizava em suas composições o mínimo de recursos expressivos. Não tinha estudos de pintura, chegando até a acontecer uma certa ingenuidade e um encantamento com relação à sua condição de pintor. Ele “navegava” cauteloso nas águas da pintura.

“Fico pensando se este tipo de relação com o fazer humilde porém íntima e amorosa, não estará relacionada com certas qualidades artísticas expressas em suas telas.” (Araújo,1997)

Esta simplicidade, que é percebida, vem da sua experiência operária, assim como Volpi, que aprendeu primeiro a misturar cal com reboco e corante, antes da refinada linguagem pictórica. Pancetti se deixava levar, como o movimento do mar e isto resultava em arte.

“Obra intuitiva e refinada, para a qual a vivência do mar, cujos olhos entregues à distância de horizontes intermináveis ou ao mergulho na solidão interior, contribuíram pela sua preferência pelas marinhas ou os auto-retratos. Ele simplificava e resumia os detalhes da realidade.” (Roberto Pontual,1987 apud Leilão de arte 2002)

Pancetti, no início de sua carreira, buscou temas onde havia uma sensação de opressão, tais como becos e pátios. Pintou paisagens urbanas, retratos de loucos. Foi o pintor das almas humildes.

“Os mundos e os seres do marinheiro vivem arfando sob esse peso de uma implacável e soturna contemplação. Uma tristeza terrível, como um entardecer numa prisão ou hospício, apodera-se desse olhar quase alienado de tão romântico. Pintor das almas humildes e trágicas, a obra de Pancetti pode se fixar em estados culminantes, onde o pintor evoca sem querer o patético dos grandes expressionistas.” (Rubem Navarro,1979-39)

Em 1933, Pancetti ingressou no núcleo Bernardelli - Rio de Janeiro, cujos integrantes saíam carregando suas telas e tintas para pintar ao natural. No núcleo Bernardelli, um atelier livre, havia orientadores experientes ajudando os artistas na pesquisa de seus próprios recursos expressivos. Dizia o pintor:

“Afirmar que entrei para o núcleo esperando alguma coisa seria mentir. Entrei por entrar. Era uma espécie de vaidade. Após dois meses ia desistindo, pois aquele aprendizado monótono me irritava. Eu queria era pintar.”

Pancetti era assim, não gostava dos rigores e formalidades de um estudo acadêmico, embora sua experiência no núcleo tenha sido fundamental e o aproximado de Lechowsky, seu mentor. Falando da relação entre os dois, o artista ressaltou:

“A primeira vez que ele viu um quadro meu me mandou chamar e disse: >Olha sargento isto aqui está errado mas tem força<”.

Para Araújo, Pancetti herdou de seu mentor, um modo próprio de olhar para a realidade recortando-a. Há uma composição em diagonais onde o observador olha de um plano mais elevado para baixo. Desta forma, ele utilizou esquemas cromáticos e de composição, derivados de Lechowsky.

Em 1933, Pancetti já se anunciava como uma grande revelação da pintura brasileira, expondo pela primeira vez no Salão Nacional de Belas Artes. Casou-se em 1935 com Anita tendo posteriormente dois filhos: Nilma e Luiz Carlos. Neste ano recebe a primeira crítica à sua pintura:

“Pancetti o marinheiro artista, se forma sempre mais como artista, do que marinheiro... A pintura é boa, as tonalidades são novas.”

“A pintura de Pancetti não era inovadora ou revolucionária, mas partia sempre da observação da realidade e superava os dons de emoção e sentimentos poéticos”. (1979-19)

Ele ganhou vários prêmios e participou de muitos salões. Em 1936 ganha uma medalha de bronze e em 1940 uma viagem ao exterior. Já em 1947 conquista um outro prêmio e vai para Salvador. Em 1948 ganha a medalha de ouro o que novamente acontece em 1954, no salão Bahiano, dois anos após ser promovido a primeiro tenente.

Desde a década de 20, Pancetti tornou-se tuberculoso e sua vida e obra foram profundamente marcadas por esta doença. Desta forma havia uma visão melancólica do mundo, por vezes dramática e com uma profunda tristeza. Outras vezes mais leve, lírica e luminosa.

Pancetti não conseguiu viajar ao exterior pelo agravamento de seu estado de saúde e em 1946, anteriormente aos prêmios acima citados, foi reformado, passando a se dedicar somente à pintura. Sua profissão primeira como marinheiro e seu isolamento natural lhe propiciaram um desenvolvimento solitário.

Ele era um homem ensimesmado e considerado o primeiro grande individualista da pintura brasileira. Na década de 50, onde havia no Brasil a disputa entre o abstracionismo e o figuratismo, Pancetti permanecia isolado, simplificando a natureza em sua tela, com real fidelidade. Observa-se o lirismo e sua humildade frente à natureza.

Pancetti se fez conhecido especialmente pelas suas marinhas e pelas paisagens e personagens da Bahia onde ele viveu seus últimos sete anos. Paisagista em especial, ele buscava retratar a natureza e não reinventá-la. Ele dizia:

“Qualquer representação da vida deve ser real... Portanto pintar, etc... deve ser exatamente aquilo que representa o homem, isto é, real.”

Gostaria de assinalar alguns comentários sobre Pancetti e a sua pintura;

“O litoral brasileiro é retratado pelo pintor, ressaltando um sentimento de amplidão, despojamento e cálido azul/verde de suas águas... luminosidade embebida de vida, de um sentimento de solidão”. (Walmir Ayala,1985- Apud Bolsa de arte gravura 5 2002)

“Nascia para a pintura, o marinheiro de tantos mares, curtido pelos sóis do nosso litoral e moldado pela melhor tradição de nossa marinha... seu mar é redondo, como deve aparecer aos marinheiros, as próprias ondas se arredondam suavemente. É neste momento que o pintor as surpreende, como se fossem abraçar a areia voluptuosamente”. (Aloysio de Paula,1979 - 78:79)

“Não há turbulências, drama ou revolta nesses amplos horizontes, nenhuma onda se crispa ameaçadora, areia mar e céu, casam-se placidamente”. (José Roberto Leite,1979)

Como pintor do mar imóvel ele apreende intuitivamente espaços planos, silenciosos. Seu mar é sempre alto-mar, de um azul profundo. Uma das tarefas do artista moderno brasileiro e nisto se inclui Pancetti, é atingir a planaridade do espaço.(Lígia Canongia, 2001-20:27).

A forma de o pintor construir o espaço ressalta a influência de Cézanne, embora não se possa enquadrá-lo em uma ou outra tendência. Ele obedece às leis da perspectiva aérea, criando a ilusão de espaço a partir da disposição das cores quentes num primeiro plano, e frias num segundo. Pancetti também utiliza com frequência a perspectiva linear que sugere profundidade. Ele evita detalhes e supérfluos em suas telas, despojando os olhos do observador dos excessos, intensificando a força expressiva de sua obra. Ele modela suas formas com auxílio dos contrastes entre luz e sombra e a volumetria das formas se reduz cada vez mais, transformando os objetos em figuras achatadas. A superfície do quadro é dividida em duas porções desiguais por uma reta, criando ângulos agudos e produzindo assim uma angularidade em seu desenho. Poderia ela ser expressão de seu sofrimento interior?

Observa-se na obra de Pancetti uma segurança em recortar espaços, ao mesmo tempo em que há ternura, passividade e ingenuidade, características tão presentes num homem do mar que vê a amplitude do espaço e a estagnação do tempo. Há imobilidade nas telas do pintor, sem ventos, apenas um mar plácido, permanente. (Cannongia,2001)

Em seu tempo de Bahia, Pancetti passou a expressar em suas telas uma maior luminosidade e intensidade de cor aproximando-se das cores de Matisse, embora com seu olhar tímido e singelo. As cores utilizadas em suas pinturas eram reproduzidas tais como seus olhos percebiam a natureza e os objetos. Pelo estudo do colorido de suas telas, pode-se delinear seu trajeto enquanto homem ou artista: das telas melancólicas à explosão cromática.

“Pancetti foi o primeiro e único a enfrentar a paisagem de luz plena, a montar seu cavalete sob o sol a pino e a pretender entre a paleta e a tela, o encontro das cores da areia torrada, de um mar muito azul, de um céu claro de cegar e das pedras emersas escuras, limentas e brilhantes feito espelho”. (Clarival Valladares,1979 - 42)

“Toda a arte de Pancetti está na sua capacidade de objetivar sensações.” (Mário Pedrosa,2001-21)

Embora houvesse uma essência em sua pintura, havia alterações em termos das paisagens e também em função de suas mudanças e deslocamentos. Pancetti fez muitas viagens pelo Brasil e retratou estas regiões, tais como Itanhaém e Campos de Jordão. Ele abrangeu em sua pintura praticamente todos os temas além das paisagens e marinhas, personagens simples do cotidiano, tais como camponeses, pescadores e lavadeiras, naturezas-mortas, retratos, auto-retratos, cenas de festas populares, exceto a pintura religiosa e histórica.

Suas naturezas-mortas que a princípio têm a influência de Cézanne, vão sendo criadas com composições singulares e vão se tornando cada vez mais coloridas, cuja intensidade e textura pedem para serem tocadas, em função do uso da ilusão da matéria. Num certo momento, ela se transforma apenas em uma forma colorida.

Os retratos assim como os objetos representados, vão recebendo seu especial ângulo de visão. Muitos de seus retratos vão sendo feitos no dorso das telas, quase como um diário. A técnica de Pancetti é autodidata e sua pincelada é homogênea e uniforme, rala e lisa, desconhecendo o empasto. Utiliza telas em especial a óleo, aquarela ou guache e em menor frequência produziu desenhos em crayon, sépia ou lápis de cor. Sua produção foi de mais ou menos mil pinturas, deixando também muitos versos e poesias (poemas), alguns desenhos e um diário no fim de sua vida. Embora o pintor não fosse um desenhista puro soube captar o essencial de cada forma dando-lhe um caráter poético.

Antes de ser artista plástico, Pancetti desejava ser poeta. Alguns de seus poemas foram publicados em catálogos. Neste ano de 1945, fala de seu sofrimento:

... “Eu sou o homem das faces encovadas, do corpo doente e envelhecido antes do tempo, na estrada do meu destino”...

Já em seus versos seguintes intitulados “Quietude” (1948), expressa sua tristeza, isolamento e solidão:

*“Amo esta quietude meu constante isolamento...
solitário e mudo, talvez feliz...
Silêncio triste que vem da noite,
secretas vozes que vêm do mar...
Talvez nostálgico do meu passado,
Talvez ansioso de algum mundo novo...”*

Segundo José Teixeira, há três fases no estágio evolutivo da obra de Pancetti, divididas em aprendizagem, maturidade e declínio.

Na fase de aprendizagem que poderia ser iniciada em 1932, surgem suas primeiras obras menos elaboradas que nascem de forma instintiva. As pinceladas cobrem as superfícies de um modo “indisciplinado”, a princípio em pequenas dimensões, como caixas de sabonete, fósforo e cartões postais. Há um comentário de um autor anônimo:

“Vê-se que o sargento Pancetti tem inclinação para a pintura e poderia desenvolver esta aptidão graças ao estudo que disciplina as tendências artísticas espontâneas”.

A Segunda fase poderia ser considerada a partir de 1941 quando não pôde em função da sua doença usufruir seu prêmio ganho: uma viagem ao exterior. Há neste momento uma intensa melancolia, indo para Campos de Jordão se recuperar e lá entrando em contato mais profundo com a solidão.

É a maturidade plena, dolorida e despojada, descobrindo uma linguagem pessoal.

Já a terceira fase, se iniciaria em 1950, momento em que vai para Salvador. Sua capacidade inventiva se torna empobrecida e começa entrar na repetição, copiando a si mesmo. Somente a partir do 2º ano ele atingiu a plenitude de seus recursos expressivos.

“O mundo se ilumina,... o artista se lança em jogos cromáticos audaciosos”... (Vera Jordão, 1979 – 39)

Em 1952 Pancetti escreve no dorso de uma tela:

“Desta data em diante comecei a pintar sob a luz divina de meu filho nascido em 24.9.52.”

Denise Mattar, traz uma outra leitura sobre os estados evolutivos do artista. Para ela, não houve um declínio na última fase dele, mas uma maior liberdade em sua forma de expressão, com absoluta originalidade. (2001- 14:19).

Há algumas características bastante peculiares na obra de Pancetti: a maior parte de suas pinturas são assinadas, podendo-se distinguir cinco diferentes tipos de assinaturas, em momentos diferentes de sua carreira. No dorso de suas telas além de assinaturas, há por vezes dedicatórias, marcas ou pinturas, mostrando uma outra face de sua obra, que estaria por trás do próprio espelho.

No final de 1957/1958, Pancetti vai para o hospital naval no Rio de Janeiro, com sua saúde agravada. Em seu diário, cujas anotações são feitas nos momentos em que suporta estar

sentado em seu leito, faz também desenhos coloridos a lápis. Ele fala de suas dores, sofrimentos e agonia e o prazer do convívio familiar. A chegada ao hospital e o reconhecimento do corpo médico de sua presença e valor, também ficam registrados. Quando a doença se torna mais intensa, Pancetti entrega-se incansavelmente à pintura. Utiliza os dois lados da tela, sem se sentir satisfeito com sua produção. Nestes momentos mais doloridos, utiliza com mais frequência os tons cinzas, revelando em suas telas, suas inquietações mais profundas. A sua luta interior, a vida amarga, o mar de fúria, que está dentro de si tornam-se, em seus quadros, um mar tranqüilo e sereno que capta apenas o essencial.

Ao olhar pela janela o mar, ele disse:

“... Suspirei fundo não sei se com saudades dos meus velhos tempos de marinheiro ou se por não poder empunhar a palheta e pincéis, dando amor à paisagem...”

Pancetti vai se enfraquecendo e chama as suas noites sofridas de “noites narcóticas”. Foram muitas cirurgias, e um tempo de intenso sofrimento. Em 1957 operou-se de uma úlcera no duodeno.

Após este tempo de agonia, morre Pancetti em 10 de fevereiro de 1958. Próximo à sua morte, ele diz:

“Poucos trabalhos consegui realizar aqui, e os que realizei foram sob a ação da febre, um homem doente que trabalhava ainda não sei como. Talvez um sopro de Deus me impelindo a ficar diante do cavalete”...

“De suas mãos tuberculosas, saíram apenas quadros da mais perfeita saúde pictórica, mesmo nos momentos mais doloridos.” (Araújo, 1997 – 29)

E esta dor sempre presente em sua vida, foi transformada em arte, no decorrer do seu caminhar.

*“Tudo que pinto é com amor. Só sei
pintar com amor”. Pancetti*

OBS: Todas as citações de Araújo são de (1997 – 3:29)

Todas as citações de Teixeira Leite são de (1979 – 1:77)

3. PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: O ARQUÉTIPO DO PEREGRINO

“... Existe no ser humano uma tendência inata, natural e espontânea de encontrar seu centro, sua unidade... assim, o processo natural da vida, tem um sentido e uma finalidade... Este é um processo que se desenvolve no tempo e Jung chamou de processo de individuação”.

Marie Louise Von Franz (1985 –275)

A Jornada de Pancetti pode ser ampliada a partir da “navegação,” por vários arquétipos, que serão abordados neste capítulo.

Na busca de um maior entendimento de si mesmo, o homem descobriu novos caminhos que o levam para sua interioridade. Enquanto viajante nesta empreitada, ele transforma seu mundo interior em um novo lugar de experiências.

“Em seu caminho existencial o homem se depara com situações que só terão sentido de serem vivenciadas se correspondem a escuta de uma necessidade interior.” (Ana Sassone, 1992 –245)

Ela também faz uma citação de Schopenhauer, onde poderíamos fazer um paralelo entre a individuação e a luta de um marinheiro em sua navegação:

... “Sobre o mar furioso está numa barca um navegante que confia no frágil navio, assim está tranqüilo em meio a um mundo cheio de tormentos, o homem solitário”. (1992 – 250)

Desta forma, poderíamos entender este processo de formação de cada indivíduo único, como o desenvolvimento psicológico pessoal, distinto do coletivo.

“Há uma jornada psicológica empreendida no transcurso da vida de uma pessoa, onde ela se desenvolve sob muitos aspectos e passa por múltiplas mudanças.” (Murray Stein, 1998 – 154)

O autor fala sobre esta trajetória do desenvolvimento humano, descrevendo a imagem do sol nascendo pela manhã, atingindo o ápice ao meio dia e declinando ao cair da noite. Poderíamos falar sobre a primeira e a Segunda metade da vida e seus projetos de desenvolvimento.

Na primeira metade, o desenvolvimento do ego e a adaptação cultural se fazem necessários. Já na Segunda metade, há uma reavaliação de tudo que foi vivido e a busca de um significado mais profundo, religando a pessoa ao seu potencial não realizado. Este “caminhar” ao longo dos anos é parte da vida de todo ser humano e por isto é arquetípico.

Tornar-se aquele que se é, no reencontro com a sua essência mais profunda, é um caminho único de tomada de consciência da sua própria individualidade. Talvez este processo seja, antes de mais nada, assumir a própria condição humana que se apresenta, ambígua e limitada. Pensando neste percurso longo e solitário, poderíamos citar personagens, que simbolizem este movimento de uma jornada pessoal.

Em trechos de sua obra, Jung cita várias designações, referendando este processo:

“Peregrination,” “viagem aos quatro pontos cardeais e ao centro da terra,”

“circoambulation,” “viagem noturna da alma,” “viagem marítima noturna” e viagem ao Hades”. Ele diz:

“Aventurar-se numa região perigosa e desconhecida, como o avançar nas regiões desconhecidas da alma é entrar em contato com forças avassaladoras e arcaicas do inconsciente, mas também poder encontrar o tesouro difícil de ser alcançado”. (1991- 346:347)

Isto se dá por uma necessidade da descida ao mundo obscuro dentro de si mesmo, como uma aventura numa “viagem marítima noturna” cuja meta é a descoberta de si. Esta caminhada é um andar sem fim, sendo simultaneamente busca e transformação, assim vai o “viajante solitário” em seu isolamento.

O simbolismo da água nos remete à imagem do grande mar no qual navegava o alquimista durante sua peregrinação.

... “A alma ficou inquieta no seu peito... visões e vozes o dominavam... era o momento de partir... encantava-se com sua liberdade e seu ser desabrochava ao se agitar no vento e na onda. Outras vezes, gemia no beliche, nas mãos implacáveis dos enjôos do mar. Mas em toda parte era o escolhido, o peregrino na sua vocação.” (Isak Dinesen, 1986 – 55)

Klink, navegador, expressa os anseios, a angústia e as descobertas de um homem em sua viagem e as inquietações de sua alma:

... “De certo modo eu já havia partido, mesmo antes de partir... Já sentia o chão instável, distante, saudades dos que ainda estavam presentes...

No porto antes apreensivo, eu tentava imaginar as dificuldades e lutas futuras. No de agora, dono do tempo que eu conquistara, simplesmente admirava o que estava ao redor e desfrutava do que estava feito. Não era a sensação de uma batalha ganha, de uma luta em que os obstáculos foram vencidos. Muito mais do que isso, era o prazer interior de ter realizado algo que tanto desejei, de ter feito e visto o que fiz e vi... Um homem precisa viajar por si só para entender o que é seu. É preciso sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares desconhecidos para quebrar a arrogância de que sabe tudo.” (2000 – 76)

Há um olhar inquieto que se vê instigado à uma busca constante, um chamado interno para uma aventura inevitável.

... “Há homens inquietos aos quais o ponto cego do horizonte obseda, constantemente fustiga e desafia.

Desdenham o homogêneo e o contínuo e se mostram extremamente sensíveis às diferenças e atentos aos limites. A cada ponto divisam algo adiante, em cada plano, o outro lado... Sua atração pelas fronteiras parece torná-los inevitavelmente viajantes, mas com a ânsia de um lugar de aconchego senão de um bom porto...

As viagens muitas vezes são experiências de estranhamento. O viajante torna-se separado e distante de seu próprio universo, sentindo-se por vezes deslocado, podendo lhe provocar desarranjos internos. Ao mesmo tempo, observa-se não um mundo que se estreita, mas se abre, experimentando a vertigem da desestruturação. Não há um desenraizamento do sujeito, mas uma diferenciação de seu mundo, onde há a abertura para o novo e para o outro também dentro de si mesmo.” (Sérgio Cardoso, 1988 – 358)

Estes trechos de descrição das experiências vivenciadas por um navegador e pelos viajantes, não seriam a viagem arquetípica de cada um de nós para dentro de nós mesmos? Esta jornada única e individual, não foi o caminho realizado por Pancetti em seu trajeto existencial?

Quando se fala do peregrino em seu caráter religioso, fala-se da busca do homem na terra, atrás de seu paraíso perdido. Um caráter transitório em busca de uma aspiração superior, onde em sua viagem o peregrino vai lidar com obstáculos, privações e pobreza como

provas para a preparação de algo supremo que lhe será revelado no final do caminho. Poderíamos dizer que corresponde a um rito de iniciação. (Chevalier,1994 – 195: 196).

Um outro símbolo que representaria esta busca incessante, seria a carta do louco no tarô, onde há um jovem em estado selvagem conduzido apenas pelo instinto e inconsciente quanto às suas reais possibilidades, prestes a se lançar rumo ao desconhecido. (Liz greene,1998 – 19 : 22).

Psicologicamente falando, configura-se uma imagem de um impulso misterioso que emerge de dentro de nós, impelindo-nos a caminhar sem nenhum preparo ou projeto, provocando mudanças e a ampliação dos horizontes conhecidos. É a representação de uma figura ambivalente, pois não existe garantia de chegada desta viagem, ao mesmo tempo em que a sua não realização significaria calar o potencial criativo interior, na jornada da vida.

Olhando estas diferentes imagens do peregrino, do viajante, do navegador, do louco, poderíamos refletir algumas questões: O que estas buscas têm de igual? O que são diferentes? Há consciência e intencionalidade? Há um objetivo para o final de cada percurso?

Estes arquétipos, para mim, trazem um potencial latente de um processo a ser realizado. São imagens de uma busca interior para o desenvolvimento egóico, regulado por um centro trans-pessoal: o Self.

Um outro arquétipo que representa este momento é o do herói, que precisa cumprir várias tarefas para sua realização.

O caminho do herói é o trajeto do ser humano que se esforça por uma renovação através do domínio criativo da vida, buscando uma ampliação da consciência. Esta é a expressão simbólica do destino humano, curso natural da vida, que exige sacrifícios e renúncias.

“Se considero o drama do herói sob o aspecto do processo de individuação, quero dizer que ele se encontra numa peregrinação, numa procura ininterrupta, sem meta definida..”. (Lutzs Müller 1987 – 7:22)

A viagem e o caminho são símbolos deste momento, assim como o barco e o estado de escuridão, afirmam a fragilidade e os perigos encontrados. A jornada do herói, pode ser vista como uma busca solitária, mas que pode ser recompensada no final, com um sentimento de comunhão consigo mesmo. (Carve Pearson, 1986 – 83 :84).

Segundo ele a necessidade de empreender este caminho é inerente ao homem, pois deixar de ouvir este chamado é se tornar vazio e alienado internamente. Há também o arquétipo do nômade como uma outra representação do andarilho, que deixa uma situação opressiva e parte rumo ao desconhecido. Para ele a vida não é feita somente de sofrimento, mas é também uma aventura onde a partir das dificuldades vivenciadas pode-se chegar a um maior amadurecimento.

Pancetti era o aventureiro dos mares, que navegava em águas desconhecidas, procurando em cada porto um lugar de chegada, para depois novamente partir. Poderíamos trazer seus auto-retratos como um “mergulho” dentro de si mesmo, expresso em imagem.

4. AUTO-RETRATO: UM MONÓLOGO PINTADO

*“O auto-retrato é a afirmação do artista em sua
condição única de criador da sua própria
imagem...
A criação do auto-retrato tal como na obra
Dureriana, aproxima o artista de Deus. Neste
encontro consigo mesmo, que
tem como
mediador apenas o espelho, o
artista desvenda
seu dom de recriar o mundo.”*

*“O
espelho do artista”
Canton
2001*

Auto-retratos são espelhos da alma refletidos em pintura, cuja expressão possibilita a manifestação de um processo em si inconsciente, chamado por Jung de processo de individuação.

Poderíamos considerar os auto-retratos de Pancetti, como um retrato de seu percurso interno. Neles, o artista conta sua vida investigando-se em diferentes personagens, tais como: marinheiro, almirante, camponês, pintor e pescador.

Antonin Artand disse que o ser tem estados inumeráveis em seu mundo interior. Nas telas de Pancetti, surgem múltiplas imagens que revelam vários estados e suas diferentes faces, numa busca de maior conhecimento de si mesmo. Segundo José Roberto Teixeira, estas telas são excepcionais pela qualidade e ocorrem em todas as fases da carreira do pintor, compondo uma autobiografia pintada, cujas imagens expressam o que dificilmente poderia ser traduzido na mesma intensidade, somente em palavras. Desta forma Pancetti mostra-se com muitos rostos.

“A maior parte dos auto-retratos pertence ao polo dramático e soturno, refletindo momentos de doença através de coloridos de pesadelo...”. (Araújo,2002-242)

Para a análise dos auto-retratos de Pancetti, decidi considerar as obras em série, mantendo sua cronologia. Por meio da série de cinquenta imagens, tal como se faz com os sonhos, pude observar seu trajeto existencial.

Nos seus últimos vinte anos de atividade, ele pintou com obstinação seu próprio rosto. Além dos 50 auto-retratos acima citados, há referências de outros quinze, cujas imagens não foram localizadas para catalogação. Foram constantes seus auto-retratos representados em trajes de trabalhador braçal, religando-o às suas origens. As imagens parecem recusar a frontalidade, com o olhar em diagonal e o semblante sombrio. Em seus auto-retratos, Pancetti parece conduzir o espectador a olhar seu próprio olhar. O único movimento parece ser o ver. O corpo é imóvel e seu olhar fixo toca e assim se faz presente.

Num outro capítulo, falei das três fases da obra de Pancetti. Poder-se-ia dizer que a primeira fase compreendeu quatro auto-retratos (Fig.1 à Fig. 4). Na segunda fase, a de maturidade, retratou-se vinte e uma vezes (Fig. 5 à Fig. 25). A terceira fase de declínio, a

partir da Fig. 26 refere-se ao tempo em Salvador, no qual realizou vinte e cinco auto-retratos e suas telas tornaram-se mais coloridas e luminosas.

Observa-se além da influência do expressionismo alemão, a presença de Van Gogh, Gauguin e Cézanne, em sua obra.

“Há uma justaposição nas imagens de campos cromáticos bem delimitados, cuja simplicidade ressoa o melhor do pintor”. (Luiz Marques, 2001 – 166)

Pancetti utiliza com frequência ângulos agudos, formados por cortes de linhas retas, onde a figura ocupa o primeiro plano. O olhar oblíquo e inusitado parece estar sempre desconfiado. Ele é fixo, intenso e questionador.

“Os auto-retratos de Pancetti emanam um misto de assombro e desconfiança. Há um ar de agressividade, pois parece que se fazer de agressivo foi a solução que encontrou para sobreviver.” (Pontual, 1974)

O artista inspirou-se na existência trágica de Van Gogh, identificando-se em muitos momentos com o seu sofrimento. Podemos observar a influência do pintor em seus auto-retratos, na modelagem que Pancetti faz nos rostos em planos para realçar os ângulos. Há uma dinamização do espaço e um olhar perscrutante.

Houve apenas uma tentativa de catalogação sistemática da sua obra, por isto há obviamente lacunas e imprecisões. No caso dos auto-retratos, há muitos sem data e outros somente como citação de obra realizada sem a imagem, como foi dito anteriormente. Há ainda aqueles em preto e branco cujas pinturas foram feitas a óleo ou em guache e três desenhos em crayon ou sépia.

Seu auto-retrato mais antigo, o auto-retrato cinza de 1939, mostra Pancetti moço, esboçado num desenho de fundo neutro. Ele veste uma camiseta sem mangas e um chapéu. Está voltado 3/4 para à direita como vários de seus retratos e seu rosto é construído dentro de um esquema geométrico. (Fig. 1)

Numa tela de 1940, novamente o geometrismo da forma realça os ângulos com seu olhar oblíquo e desconfiado, num jogo de sombra e luminosidade. (Fig. 2)

Apesar da simplicidade de recursos utilizados há uma grande expressividade em cada rosto.

São três auto-retratos de 1940, e um deles traz o rosto quase esculpido, cujas cores são vívidas e o olhar reaparece desconfiado. Há a presença de um braço de mar e um barco a vela ao fundo, contrastando com a figura sisuda. (Fig. 3).

O auto-retrato seguinte de 1941, com girassóis também presentes em outras telas, traz a lembrança de Van Gogh no tema, nos campos cromáticos complementares e na atmosfera dramática. (Figs. 5 e 6)

Já nos auto-retratos com Nilma e, Nilma com Anita, de 1942 e 1943, apresenta-se de uma forma mais lírica, contrastando o rosto grave de marinheiro com a face da criança. (Figs. 8 e 9)

Há uma citação de um auto-retrato de 1943, com Deão de Caterbury, como uma divertida brincadeira ao atender a um apelo do comitê Britânico de apoio aos aliados da 2ª guerra. (Fig. 10)

Os auto-retratos de Pancetti trazem sempre um olhar de canto, que não encara, perscruta, oscilando entre o desconfiado e o pensativo. É um olhar que desconcerta e apesar da figura dura, há a expressão de todo um sentimento humano. (Cannogia, 2001- 20:26) (Fig. 11 e Fig. 12)

Foram quatro telas retratando-se como marinheiro, como o almirante, o da anistia, e o “vida.”

... *“Fardar-se com uniforme de marinheiro foi sempre seu verdadeiro orgulho. Vestindo-o desafiava a roca do tempo. Afugentava a velhice detestada e trazia de novo o jovem marujo.”* (Max Justo Guedes, 1979 – 88)

Pancetti também fez um dos auto-retratos como marinheiro, fazendo um desenho com lápis aquarelado. Retrata-se mostrando uma expressão plácida e a barba por fazer. Nesta imagem de 1945, delimitou campos em vermelho alaranjado e azul claro, contrastando com as cores azul e branco do uniforme. (Fig. 14)

Em um outro auto-retrato de 1945, “vida”, uma de suas telas mais conhecidas e especiais tanto na composição, como no colorido, ele se retrata, segurando um livro de “ismos” em evidente crítica ao circuito de arte. Seu olhar encara o espectador, parecendo lhe questionar. Neste quadro, ele utilizou um colorido quente, com o vermelho dominante cromaticamente. (Fig. 17)

Há uma alternância entre as cores laranja e azul, o branco e o vermelho, provocando um contraste. O modelado do rosto e a sua composição, trazem uma lembrança de Van gogh.

Outros auto-retratos do período são (Figs. 18,19 e 20).

Em 1948 faz três auto-retratos, tendo dois deles, o pintor e o com crayon, o aspecto trágico e dramático, retratando-se com barba por fazer, o rosto abatido e os olhos fundos. (Figs. 21 à 23)

No auto-retrato azul de 1949, mostra-se mais introspectivo. Parece refletir tristeza e dor. O olhar é duro e sofrido, a feição parece recortada. Há um outro retrato azul de 1955. (Fig. 24)

Como eu havia dito anteriormente, há confusão quanto às imagens de alguns auto-retratos. Observa-se o auto-retrato 25, tão parecido com o anterior (Fig.24), cujas cores não se conhece e portanto não se pode afirmar com certeza se são idênticos. O mesmo acontece com as (Figs. 27 e 28)

Em 1951 faz um auto-retrato como sacerdote, pintando-se em vestes negras e eclesiásticas. Pancetti também realiza duas naturezas mortas com dois auto-retratos. Nelas, os rostos recortam-se com outros objetos e figuras. Há um efeito visual interessante no conjunto, onde há frutas e retratos (Figs 30 e 34). Em seus dois auto-retratos pós-operatório, já está mais conhecido, e expressa um tom dramático e sofrido às vésperas da sua morte. (Fig. 35 e Fig. 46)

As figuras em seus retratos destacam-se do fundo, apresentando-o neutro ou figurativo, cujas cores expressam sensações e sentimentos.

A maior parte das figuras em seus auto-retratos estão voltadas para o lado direito (trinta e oito imagens), o que para Jung significaria de uma maneira geral o movimento em direção ao consciente. Susan Bach, analista inglesa complementa este pensamento, dizendo que o movimento à direita representaria o retorno à vida e ao conhecido.

Finalizando, gostaria de citar Jung, quando ele fala sobre um fator irracional traçado pelo destino que impele cada um a escutar sua própria voz interior, uma vocação, que é a essência desta vida.

O caminho de individuação é dinâmico, existindo momentos de maior depressão e melancolia, voltados ao mundo interior e outras fases de um maior investimento de energia frente ao mundo externo. Este foi o caminho de Pancetti, demarcado por seus auto-retratos.

“A vida do artista encontra equilíbrio apoiando-se na obra ainda futura, assim a vida e obra são uma única aventura.” - Merlean Ponty - “O olho e o espírito,” 1997

5. MONÓLOGO: UM DIÁLOGO INTERIOR

“ Que voz vem no som das ondas.

Que não é voz do mar?

É a voz de alguém que nos fala,

mas que se escutarmos cala,..

por ter havido escutar...

mas, se vamos despertando, cala

a voz, e há só o mar.”

Fernando Pessoa – 1934.

Voltando ao meu sonho inicial, onde eu iria fazer o meu monólogo, surge o desejo de uma ampliação a partir de algumas questões:

Como poderia ser visto o momento do monólogo e o do diálogo? O que significa cada um deles, e em que situações eles acontecem? O que eles têm a ver com a arte pictórica? Como acontecem no teatro?

Pensar em monólogo me remete à estar só, ao silêncio, tão importantes para se ver e “escutar” a si mesmo, ou a uma obra de arte. É preciso se calar para que aconteça a contemplação.

“Atuar sozinha é solitário como qualquer processo criativo. Nascer e morrer não são assim? É preciso estar só para ser original.” (Denise Stoklos, 1992 – 50:52)

O dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001- 1953). faz uma distinção entre alguns tipos de monólogo: O primeiro seria a cena de uma peça onde o ator está só e fala consigo mesmo. Este seria o solilóquio, ou o momento onde ele se dirige ao público expressando seus pensamentos ou as lutas interiores de seu espírito. A peça escrita para um único personagem seria chamada de monodrama e ainda uma outra forma, de representação, seria um personagem fictício, mostrando seus pensamentos e sentimentos num diálogo interior.

No teatro, há uma diferenciação entre monodrama, solilóquio, monólogo interior e diálogo solitário. (1999, 246:249)

“Diálogo que o personagem mantém consigo mesmo, meditando sobre sua condição psicológica e moral, desvendando assim o que seria um simples monólogo interior.”

Este seria o solilóquio, cuja técnica revela ao espectador a alma do personagem em suas ambigüidades e é justificada no momento de busca de si mesmo pelo herói, quando há um diálogo num conflito entre duas exigências.

O monodrama por sua vez é uma peça com um personagem ou pelo menos um ator que pode assumir vários papéis. É um tipo de representação dramática onde o mundo que rodeia o personagem aparece da forma como ele o vê. O público é que se torna parceiro

do protagonista. O monólogo é uma espécie de escrita dramática, uma das formas primeiras do teatro, que se distingue do diálogo pela ausência de intercâmbio verbal. Algumas vezes o personagem se dirige a um interlocutor imaginário e pode ser visto como um diálogo interiorizado entre o “eu locutor” e o “eu ouvinte”.

Não seriam estas as formas de representação de Pancetti, no teatro de sua vida, em seu discurso consigo mesmo e encenadas em suas telas, transformadas em palco?

No monólogo interior o personagem fala sem preocupação lógica ou censura o que lhe vem à cabeça. Provoca-se uma “confusão emocional,” como principal efeito. Já no diálogo solitário há um diálogo com um interlocutor que nunca responde ou aparece. Nem mesmo se tem certeza de que ele ouça. Poderíamos pensar até na conversa com uma divindade.

Nas peças para um único ator, há a entrega do artista aos seus vários “estados de alma,” sem o confronto com o discurso do outro. A cena torna-se uma espécie de confissão, dirigido sem intermediários ao público. Poderíamos pensar em relatos de vida, onde o ator se esforça para refletir ao vivo sobre sua existência. (Pierre Ryngaert,1998 – 89:103)

No caso de uma ficção, o monólogo pode trabalhar sobre a memória de um personagem, numa espécie de meditação interior que recorda fragmentos reciclando-os e recosturando-os. Numa outra situação, podem também acontecer monólogos sucessivos de vários personagens, cujos pontos de vista divergem sobre uma mesma realidade e o entrelaçamento entre eles é deixado a cargo do espectador. Há ainda trabalhos que intercalam monólogos e diálogos, numa liberdade narrativa amplamente utilizada pelos autores contemporâneos.

A linguagem teatral traz uma série de denominações para este tipo de “conversa solitária.” Embora dentro destas definições, eu me sinta construindo um solilóquio, parece-me que se interligam momentos de monólogo comigo mesma e outros de diálogo com as telas de Pancetti, numa dialética constante e enriquecedora.

Pensando-se num processo analítico, dentro de um setting psicoterápico, estas duas formas de “conversa” não se interpõem? Qual seria o momento de cada uma delas? É possível individualizá-las?

Segundo Jung, ocorre em alguns momentos um diálogo interior, onde a pessoa conversa com a voz do outro dentro de si mesma e esta é, portanto, a relação viva com o inconsciente. (1990- 252)

O diálogo é uma forma de conversação onde a pessoa se abre ao outro diferente de si mesmo. No diálogo interno consigo mesmo, poderíamos falar sobre a interlocução entre duas esferas psíquicas, a consciência e o inconsciente, onde o diálogo psíquico se dá num processo de confronto entre um lado e o seu lado oposto, dando-se voz à parte esquecida ou menos valorizada. Se não há o reconhecimento desta outra parte, nega-se segundo Jung, o direito de existir o “outro” dentro de si próprio (Paolo Pieri,1991-162)

Através do jogo de palavras num monólogo, o personagem vai em busca de sua própria identidade. Podem acontecer monólogos verbais, mas também existem outras formas de expressão.

Não seria esta busca de si mesmo o que há em comum entre o monólogo no teatro e os auto-retratos?

Para mim, esta segunda forma de se retratar, é um monólogo pintado onde o artista dialoga consigo mesmo, tendo o espectador como interlocutor, estabelecendo com ele um diálogo. Dialogando com Pancetti através de seu olhar nos retratos, pude perceber a partir de seu reflexo, o meu olhar. Este encontro entre os nossos olhares, remeteu-me a um monólogo comigo mesma e a indagações, sobre ele e sobre a arte. O que faz o artista? Qual é seu papel?

Jung em “*O espírito na ciência e na arte*” diz que o artista se coloca como instrumento para a criação que se propõe. Por mais que esteja presente sua vida, sua história, nada é mais importante do que a sua obra, pois ela independe de todos estes dados, falando por si só e pedindo emprestado ao criador o seu corpo para poder nascer. (1991-89:93)

... *“Ele apenas pode obedecer e seguir este impulso aparentemente estranho: sente que sua obra é maior do que ele e exerce um domínio tal que ele nada pode lhe impor.”*

... *“assim, o artista não poderá ser compreendido a não ser, a partir do seu ato criador.”*

E a arte, o que ela representa? Qual é sua função? Poderíamos falar do caráter terapêutico da arte, onde a pintura como forma de expressão possibilita dar forma a desejos e emoções interiores, revelando assim o inconsciente, através da imagem. Merleau Ponty confirma esta afirmação dizendo:

... *“Ao pintar-se a si mesmo, a pessoa está se plasmando. O que pinta são fantasias ativas, aquilo que está mobilizado dentro de si. E o que está mobilizado é ele mesmo... Numa série de quadros há um esforço para se representar o que está mobilizado dentro de si, para se descobrir finalmente que é o eterno desconhecido, o eternamente outro, o fundo mais fundo de sua alma.” (1997-27:28)*

No meu cotidiano como terapeuta, dentro de uma prática clínica, a arte tem um papel importante enquanto um recurso expressivo utilizado, que promove um maior auto-conhecimento, a partir da revelação do inconsciente. Assim poderíamos falar da arte como facilitadora do emergir de símbolos num momento de conflito entre consciente e inconsciente. Esta seria a função integrativa da arte, que facilita a criação de uma ponte entre as duas instâncias, recompondo os elementos psíquicos em uma unidade. Jung chamou de função transcendente, onde há um diálogo entre duas partes opostas diferenciadas surgindo uma nova atitude consciente, a partir da integração dos contrários(1990- 250 e 304)

Poderíamos falar que é uma “viagem à descoberta do inconsciente”, onde vão se produzindo espontaneamente imagens, revelando o desenrolar natural de eventos interiores, através do diálogo do Eu, numa imaginação ativa com os conteúdos do inconsciente. É uma “conversa” com as imagens internas, elaborando aquilo que estava dividido interiormente.

Como é importante o poder transformador contido na simples contemplação de uma imagem e o que se pode descobrir a partir do diálogo com ela.

A partir de meu contato com a imagem do auto-retrato Pancetti, o marinheiro, surgiram muitas questões dentro de mim que me levaram a este trabalho. Dialogar com a tela deixando-se tocar pela imagem, pode nos conduzir a lugares especiais dentro de nós mesmos que não teríamos acesso de uma outra forma e que nos traz novos caminhos e percepções.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO Ana Angélica – “Espelhos Paralelos”, posfácio de: O retrato genial de Vincent: um processo de individuação, São Paulo, 2000 (livro em processo de edição pela Lyra – Editora – Curitiba)

_____ – “A voz do artista” – texto elaborado para uso nas aulas de psicologia da arte 2002.

ARAÚJO, Olívio Tavares – “A mais perfeita saúde pictórica” em Olhar amoroso – São Paulo, Momesso, 2002.

– “Artists by themselves”, Japan, Nissha, Printing, 1983.

BRILL, Alice, “O Auto-Retrato, gênero em extinção”? em Da arte e da linguagem

BURKE, Juliet e GREENE, Liz – “O tarô mitológico” – São Paulo, Siciliano, 1988.

CANTON, Kátia – “Espelho de artista” – São Paulo, Cosac e Naif, 2001.

_____ “Auto-retrato espelho de artista.” Livre Docência, ECA/USP, 1962.

CARDOSO, Sérgio e outros – “O olhar dos viajantes” em O olhar, São Paulo, Scharcs Ltda., 1988.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain-. “Dizionario dei Simboli” vol.II, Milano:Rizzoli, 1994.

CYPRIANO Fábio, Espelho, espelho meu... Folha de São Paulo, São Paulo, Ilustrada, 17 de março de 2001.

DENVIR, Bernard – “A complet portrait”, London, Pavilion, 1995.

DINESEN, Isak – “Tempestades” em A festa de Babette, Rio de Janeiro, Record, 1986.

GAMBINI, Roberto – “O silencioso pedido de um olhar” prefácio de O retrato genial de Vincent: um processo de individuação, São Paulo, 2000 (livro em processo de edição pela Lyra – Editora – Curitiba)

HOUAISS, Antônio – “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

JULIAN Bell – “Five hundred self-portraits”, London, Phaidon Press limited, 2000

JUNG, Carl Gustav – “Obras completas” – Petrópolis, vozes, 19 vols.

Vol. VI, Tipos Psicológicos,

Vol. VIII /2, A natureza da Psique, 1991,

Vol. XII, Psicologia e Alquimia, 1991.

Vol. XIV/2, Mysterium Coniunctions, 1990

Vol. XV, O espírito na arte e na ciência, 1991.

KLINK, Amyr – “Mar sem fim” – São Paulo, Cia das letras, 2000

LEITE, José Roberto Teixeira – Pintura Moderna Brasileira, Rio de Janeiro, Record, 1978.

_____ “Pancetti, o pintor marinho”, Rio de Janeiro, Fundação Conquista, 1979.

_____ - “José Pancetti” em *Southward Art – Latin American Art Review*, ano 1, número 2 (2000), Argentina.

MAIA, Denise Diniz. O retrato genial de Vincent: Um processo de individuação, São Paulo, 2000 (livro em processo de edição pela Lyra – Editora – Curitiba)

MAMEDE, Margarida “Cartas e retratos” – uma clínica em direção à ética Dissertação de Doutorado, Psicologia – USP, 2002

MÜLLER, Lutz – “O Herói” – São Paulo, Cultrix, 1987.

PAIRS, Patrice – “Dicionário de Teatro” – São Paulo, Perspectiva, 1999.

PEARSON, Carol – “O herói interior” – São Paulo, Cultrix, 1986.

PIERI, Paolo Francesco – “Dicionário Junguiano”, São Paulo, Paulus, 2002.

PIZA Daniel “Artista no espelho” Bravo, São Paulo, março, 2001.

RYNGAERT, Pierre – “O teatro Contemporâneo”, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

STEIN Murray- “Jung, o mapa da alma”, São Paulo, Cultrix, 1998.

SASSONE Anna Maria – “Il processo di individuazione” in Trattato di Psicologia Analítica, vol. II, Torino, UTET, 1992.

STOKLOS, Denise – “Teatro Essencial” – nota – sobre a entrevista coletiva em Nova Delhi, Índia, 28/05/92.

TARKOVISKY, Andrei – “Esculpir o Tempo”, São Paulo, Martins Fontes. 1998.

“Lembranças apagadas” - São Paulo, Revista da Folha de São Paulo, 18/05/2003.

VON FRANZS, Marie Louise – “Individuação nos contos de Fada”, São Paulo, Paulinas, 1985.

Catálogos de exposições:

1. Retrato e auto-retrato da arte brasileira – MAM – São Paulo – 1984.
2. Modernistas , Modernismo – MAB – 1995.
3. Retratos e auto-retratos – MAC – USP – 1997.
4. Pancetti, um pintor, pintor – Arte do Brasil, São Paulo, 1997.
5. Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, leilão 9/05/2000.
6. Marques, Luis – 30 mestres da pintura no Brasil – MASP – 2001.
7. Pancetti, O marinheiro só – MAM Ba, Belas Artes R.J. e MAB (FAAP) 2001.
8. Arte brasileira na coleção Fadel - CCBB – SP – 2002.
9. Espelho Selvagem – coleção Nemikovsky MAM – SP – 2002.
10. Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, Leilão, 10/09/2002.
11. Ismael Nery “O eu e o Outro” – MAB (FAAP) – 2002.
12. Retratos – Janeiro de 2003 – MAB (FAAP) – 2003.
13. Bolsa de Arte de São Paulo, leilão 7/04/2003.